

23-JULHO

1933

NÚMERO

ÚNICO



GUIMARÃIS

Composição e Impressão:
Tip. Minerva Vimaranesse

Editado pelos Grupos Recreativos 20 ARAUTOS
DE D. AFONSO HENRIQUES, INFALÍVEIS e FOUCE

Este Número Único foi visado
pela Comissão de Censura

Tem cada terra a sua hora. Poderá não ser a melhor para a observar: é a mais própria para a compreender. Ver só de qualquer terra o quadro da paisagem e o amontoado de pedra não é senti-la. Muitas vezes leva a ignorá-la mais profundamente. Já se escreveu com acerto — e cousa bem natural — que os estranhos nos vêem melhor. Ordinariamente, de outro modo, o que é diferente. Mas eu falo no ver com a penetração subtil, que procura a íntima estrutura.

São curiosas de romance psicológico as horas das cidades, as diversas horas de cada dia, no seu quadrante compassado e monótono, em que vem a passar a flagrantemente reveladora. Hora das almas, hora na alma da vida colectiva.

Talvez, com certeza muito imperfeitamente, eu conheço em Guimarães três horas, e tenho sempre duvidado e hesitado em qual das três haja mais carácter, para, de entre elas, definir ou escolher a nossa hora.

A Guimarães de ao abrir da manhã é o solar fidalgo de uma boa quinta minhota, com panos de soberba arquitectura, grandes traços de ruínas e sobreposições restauracionistas várias. E' quando entram as leiteiras, e, para o mercado, as camponesas dos cestos da hortaliça e da fruta; quando os lavradores acordam as casas dos senhorios, para despejarem os carros do milho, das pipas de vinho, dos molhos de lenha — e tomam toda a rua e os largos como eidos. As lojas espreitam-nos e chamam por eles com o bacalhau e as chitas. E' o arruído e o pitoresco da aldeia, uma aldeia maior em plena aldeia, porque se não andam dois passos sem topar uma nesga de terra folhada de milho, a latada de vides, árvores de fruta, socalcos por onde a água escorre gorgolejante, a galinha e a sua ninhada de pintalinhos. A feição da antiga vila de Vimaranes, a quinta da Condessa Dona Muma, ficou-

As três horas de Guimarães

Por Eduardo de Almeida.

-nos nitidamente gravada, com a sua tenacidade rude, o seu ar forte de saúde, a simplicidade colorida e alegre do trabalho agrícola.

A outra hora é no fim da tarde, antes do crepúsculo — que, visto pelo monte de S. Pedro até à Conceição, ou da Costa a Urgez e Santo Amaro é apenas maravilhoso — quasi ao fim da



tarde, à saída das fábricas. Coleiam as operárias como um extenso rio humano, operárias da cidade e operárias vindas da aldeia, em vários braços desconfluentes. Há um silêncio maior, como se os estremeções das máquinas, agora paradas, tivessem, nas horas de trabalho, animado o fragor das ruas e praças, afinal quasi despovoadas, então, de movimento, e por onde elas vão passando, em grupos, com um riso, uma flor, um olhar, talvez uma lágrima. Grande parte da cidade, que parecia desabitada, enche-se de vida. E essa hora, o sinal da Guimarães fabril, uma colmeia enorme de trabalhadores anónimos, é a Guimarães, o mais forte, independente e progressivo núcleo do trabalho industrial.

Entre estas duas horas, o comum de todas as cidades: as repartições, o comércio, os bancos, os cafés. A indústria doméstica ocupa ainda alguns dos que não teem que fazer cá fora, embora, como em toda a parte, tenda cada vez mais a desaparecer.

São as horas da vida. Mas há uma hora morta sugestivamente encantadora, hora de noite morta, ao luar, junto ao Castelo, a hora da evocação e do passado, da História e da Lenda, dos castros citanienses e de S. Mamede, a hora do Herói e do Monge, de guerreiros e trovadores, quando a vida agrícola e industrial dorme de cansaço, e as velhas pedras se animam, as velhas pedras daquele ninho soberbo, onde se concebeu e sonhou o sonho de Portugal.

Tenho-me deixado embalar, como num cântico de saudade e esperança, na carinhosa magia desta romagem de fantasmas em noites de luar: talvez seja, para mim, a verdadeira hora de Guimarães. E, não sei porquê, as duas outras, as horas da vida, me parecem tão naturais como se foram irmãs, filhas do mesmo amor e esforço, ouvindo, à distância de séculos, o lavrar da charrua e o bater do linho.

Onde fica Guimarães?!

Aquela tendência mórbida dos portugueses para maldizer dos portugueses e da sua terra, depreciar o que lhes pertence, sejam valores materiais ou morais, deriva em parte do desconhecimento de Portugal e de nós próprios, isto é, tem sua origem na ignorância. Julga-se em absoluto, quando se deve julgar por comparação, pois só um critério objectivo e de relação dá juízos calmos e reflectidos. Mas o exagêro chega ao ponto de se emitir opinião depreciativa até daquilo que se ignora totalmente. E' vulgar ouvirmos dizer mal de pessoas, de coisas, de localidades, etc., que o maldizente nem sequer de outiva ou descrição conhece! Quanto português existe por aí fora, a quem, se preguntamos, por exemplo, se conhece Guimarães, nos responde sem hesitação: «não conheço, nem quero conhecer, porque não vale nada, com certeza». Estas ideias preconcebidas reflectem-se até nos próprios dirigentes da nossa administração pública. Em geral as terras que ficam situadas já na periferia, bem distantes do núcleo da governação centralizadora e absorvente, estão implicitamente excluídas dos benefícios públicos.

Guimarães é um exemplo frizante de terra obreira que paga e não recebe. E, todavia, sofre calada, trabalha sem desânimo, e por si se vai criando e impondo, até que um dia o resto do país dê finalmente pela sua existência e lhe seja outorgada a justiça que merece. Tradições monumentais, poucas terras de Portugal as terão mais antigas e mais nobres. Um grupo de monumentos importantes atesta a sua glória: o formoso Castelo medieval, numerosos templos

românicos e góticos, na cidade e concelho, museus que se impõem pelo valor das suas colecções, como o da Sociedade Martins Sarmento e o antigo Tesouro da Colegiada (actual Museu de Alberto Sampaio); ruínas arqueológicas das mais interessantes e notáveis do País, como essa famosa Citânia de Briteiros, coroação da obra do grande investigador das nossas antiguidades que foi Martins Sarmento; etc.

Sob o ponto de vista da paisagem são inegaláveis os aspectos desta região e recomenda-se já hoje o formoso monte da Penha, sobranceiro à cidade, como bela estância de turismo; economicamente, é importantíssima a sua actividade agrícola ou fabril, centro produtor dos mais florentes; demograficamente possui uma população densa.

Terra salubre, em pleno progresso, e de uma cultura intelectual invulgar em cidades de província, gente acolhedora, honesta e alegre, aspectos inéditos cheios de interesse e colorido, monumentos admiráveis! Que mais é preciso para impor aos portugueses o conhecimento de Guimarães, berço heróico da nacionalidade?!

¿São suspeitas de parcialidade as minhas palavras, porque sou vimaranense, porque tenho apêgo à terra onde nasci, onde trabalho honestamente, e onde nasceram os meus, à terra que procuro bem servir, com amor e desinteresse, sem ódios nem invejas, compenetrado simplesmente dos meus deveres de cidadão? ¿Sou suspeito porque não faço causa comum com a maledicência doentia? Talvez... Mas, apesar disso, Guimarães é uma terra interessante e de honrada gente. Digna de ser visitada, em suma, para se fazer um juízo seguro da verdade do que afirmo.

MÁRIO CARDOZO.

Eu adoro a Penha

Eu adoro a Penha,
Porque a Penha é linda
De Beleza e Graça...
De Beleza infinda...

Eu adoro a Penha
Minha Sintra Amada,
Tôda donairoza...
Tôda arborizada!

Eu adoro a Penha
Das brancas geadas;
Ou dum sol doirando
Rubras madrugadas.

Eu adoro a Penha
Quando, manhã cedo,
Trinam rouxinóis,
Sob o arvoredado.

Eu adoro a Penha,
De águas cristalinas,
Superabundantes
Fendendo as colinas,

E, depois, mais lentas,
Deslizando meigas,
Fecundando vales,
Fecundando as veigas...

Eu adoro a Penha
Das Avè-Marias
Pela tarde além...
Ou das romarias...

Eu adoro a Penha,
Quando um sol 'scaldante,
Ao cair da tarde,
Lá no céu distante,

Do vasto horizonte,
Em que submerge,
Os seus raios de oiro
Sôbre a Penha asperge;

Um fuminho branco,
Mais branco que a neve,
Sobe dos casais,
Qual incenso leve...

Minha Penha Amada,
Rudes penedias,
Cavernais profundos,
Dôces harmonias

Dum hino sublime,
Em que a Natureza,
Ergue a Deus um canto
De Amor e Beleza...

Eu adoro a Penha,
Porque a Penha é linda,
De perene Graça,
De Beleza infinda...

MENDES SIMÕES.



Representantes dos Grupos 20 ARAUTOS DE D. AFONSO HENRIQUES, INFALÍVEIS e FOUCE

Guimarães Industrial

«Quando se observa a nossa população trabalhadora, amando vivamente cada um a sua profissão, inteligente e pertinaz em conservar esta riqueza que lhe foi legada pelos seus antepassados, mas desprotegida, sem escolas nem direcção, se o coração se nos enluta de tristeza pelo abandono do que devia merecer sobretudo protecção e auxílio, resta-nos todavia a esperança que se um dia um raio de luz atravessar a obscuridade de agora, o trabalho fabril do concelho se manterá rapidamente em condições de afrontar com desafogo a concorrência de outros centros produtores».

DR. ALBERTO SAMPAIO.

A todos quantos vierem de longada à cidade de Guimarães, e percorrerem o seu Concelho, assombra, espanta e admira o labor da sua população — pergaminho nobilíssimo que traz ufanía e orgulho —, e poderão acreditar que não exageramos em dizer que Guimarães é um dos mais importantes centros industriais do país.

E' muito distante a origem de algumas indústrias vimezanenses. A comprovar a sua antiguidade já o excelente «Labor da Grei» dá notícia e transcreve certas designações na toponímia local, tão remotas como a nacionalidade, e a saber: rio de Couros, em 1151; rua Sapateira, 1167; rua Correeira, em 1260; rua Peliteira, em 1297; rua da Ferraria, em 1259; rua Tesoureira, em 1325; rua Caldeirã, em 1341 — que falam eloquentemente da actividade deste belo rincão — que foi o centro em torno do qual se delineou a Pátria Portuguesa.

No século XIV, a florescência primou em enraizar as indústrias já existentes e criou novas variedades de classes «devidas à intuição artística da população do termo de Guimarães, qualidades herdadas e atribuídas aos Romanos, quando do seu domínio e ocupação».

Com as primeiras descobertas, a terra-mater de Portugal atinge uma importância memorável, sobressaindo o esforço dos mercadores para a conquista de novos mercados, não sem que arrostassem com a perseguição dos corsários doutras nacionalidades e expiassem longos e martirizantes cativeros.

A descoberta do Brazil e a África semi-colonizada, por sua vez incitaram e deram incremento aos principais ramos de actividade.

O século XVI e começo do século XVII deixaram triste memória de si.

A época de decadência então vivida, as lutas intestinas, a peste de 1560, o domínio castelhano, as guerras da Independência, as invasões holandesa e francesa às nossas colónias, em muito contribuíram para o abatimento da indústria vimezanense.

As invasões francesas, o miguelismo e a separação do Brasil em 1822, provocaram um terrível desalento no tráfico manufactureiro, salvando-o da derrocada a instituição dum mercado semanal que impôs Guimarães como «fulcro do tráfico comercial do Norte e parte do Sul do país». Gerou-se a indispensabilidade da produção, e, devido apenas ao esforço da população concelheira, promoveu-se a renovação da sua capacidade laboradora, atingindo o predomínio por excelência.

Logo na Exposição Industrial de 1860, o quadro de concorrentes fala sem exagêro dos múltiplos aspectos das nossas indústrias, onde a par das mais variadas profissões sobressai a representação dos tecelões que se dedicavam aos famosos tecidos de linha nacional.

De 1884 a 1923 (data da última Exposição Vimezanense), se bem que algumas das indústrias se tornassem extintas, estacionárias e depressivas, a actividade fabril marcou exuberantemente um período de desenvolvimento invulgar e surgem-nos as indústrias novas, tais como: algodão torcido, alfaias e instrumentos agrícolas, brinquedos em celulósido, carpintaria mecânica, bengalas, bonés, chales de estambre e sêda, cobertores de lã e de algodão, chapéus para senhora, energia eléctrica, fiação de algodão, guarda-solaria, laticínios, marmorista, malas de viagem, material de incêndios, móveis em vime, lenços de sedalina, algodão e de seda, pentes, produtos farmacêuticos, tecidos de malha em algodão, panificação eléctrica, etc., etc. («Labor da Grei»).

A Grande Exposição de 1923 foi uma afir-

Oração patriótica

Portugal, ninho de amores,
Portugal, bérço de heróis,
Onde choram trovadores,
Onde cantam roussinóis!

Portugal, lindo jardim
Em que a sonhar se adormece,
Quando um luar de marfim
No firmamento aparece!

Portugal, verde esmeralda
Que a espuma das ondas beija,
Que um sol refulgente escalda
E que todo o mundo inveja!

Portugal, pequena jóia
Das mais raras pedrarias,
Que a boa gente salóia
Alegra nas romarias!

Portugal, nobre reliquia
De nossos antepassados;
— Para que Deus glorifique-a
Tem monumentos sagrados!

Portugal dos Navegantes,
Portugal das Descobertas,
Dos grandes feitos brilhantes
Em graves horas incertas!

Portugal, terra bendita,
(Bem alto minha alma guinde-a!)
Que ao fogo santo palpita
Que, outrora, o levou à Índia...

Portugal, que fêz milagres
De assombrarem as nações,
Desde o Infante de Sagres,
A's estâncias de Camões!

Portugal, pátria de Afonso
Que, nascendo em Guimarães,
No-lo entregou, num responso,
Ao seio de nossas mães!

Portugal, que deu ao mundo,
Cheio de fé no destino,
O exemplo mais fecundo,
Apezar de pequenino!

Portugal, que num abraço
Eu quero reconquistar,
Nestes versos que lhe faço,
— Beijos que atiro no ar...

Portugal, eu te saúdo,
Portugal, eu te bendigo,
Trazendo no meu escudo
Um símbolo de amor antigo!...

JERÓNIMO DE ALMEIDA.

mação de pujante actividade (Pedro Vitorino), quer colectiva, quer individual, na indústria e na agricultura, e como manifestação regional, é um exemplo admirável dos recursos que pode dar-nos a política económica da nacionalização do trabalho (Luís de Magalhães), além de ter sido um brado de ressurgimento, como o escreveu Emanuel Ribeiro.

Mas, ai, quanto sacrificio da população obreira!

Côdea rapada de pão amassado pelo diabo!...

L. COELHO.

O que eu penso...

Vão os Grupos Recreativos de Guimarães — desta minha tam linda e amável terra — em excursão de passeio recreativo, visitando, entre outras cidades, Coimbra, Santarém e Lisboa, sendo esta última o ponto escolhido de ante-mão. Eu regosijo-me com tal acontecimento — porque é um acontecimento notável que bem pode e deve servir de lição aos puritanos das boas-maneiras... — por partir de quem parte, gente humilde, sem vaidade, mas que tem a paixão bela de passear não só para recrear o seu espirito, educando-o moral e socialmente, mas também com o prazer de conhecer mais de perto os pontos mais importantes do seu País, admirando quer a beleza riquíssima da paisagem além Mondego, quer a majestosa grandiosidade dos seus monumentos a falarem — nas pedras sagradas pelos séculos — à alma lusiada e sonhadora da gente portuguesa...

Dão, pois, os grupos recreativos locais um magnífico exemplo cívico, porque, compostos e orientados por homens que mourejam nas fábricas e nas oficinas, entendem, e muito bem!, que *nem só de pão vive o homem*, aprendendo também a viver pelo espirito, repartindo, entre si, em boa solidariedade e camaradagem, os prazeres duns momentos escassos, numa alegria sã e comunicativa, tranqüilla e simples, que só pode enchê-los de orgulho, e, aos outros, causar invejas e vergonha de não procurarem, ao menos uma vez cada ano, de igual maneira ou melhor, distrair-se, saindo d'êste meio por umas horas, tonificando os pulmões de ares estranhos, e ao mesmo tempo, viver para os outros povos, em comunhão de espirito e solidariedade portuguesa. São êstes passeios os melhores e mais salutaros condutores da harmonia humana, da relação amistosa entre indivíduos, da aproximação das cidades, razão porque eu afirmo — sem receio de que sobre mim arremessem montões de pedras — que valem mais, muito mais do que a diplomacia e o protocolo das conferências e dos banquetes.

Quando os povos se não conhecem, não há aproximações possíveis, mas imaginárias e falsas, pois uma dezena de individuos tratam, quando muito, dos interesses comerciais e industriais, sem procurarem, primeiro, estudar o feitiço e o carácter estranho, conhecê-lo mais intimamente para poder dizer-se, com mais verdade, que se conseguiu — acima do interesse material, que desenvolve os negócios da vida económica — uma mais perfeita, bela e sincera amizade estreita e funda: Espirito e a Ideia!

E' o que eu penso e, comigo, certamente, todos aqueles que, no dia de hoje, vão, em romaria, levar aos outros povos — nossos irmãos de raça e de sentimento — as saudações de Guimarães, dizendo-lhes que os Vimezanenses sentem a mesma ânsia de Amor e de Paz, que é a dualidade feita Luz e Aurora na Alma dos povos!

Julho de 1933.

DOMINGOS RIBEIRO.

Componentes do Grupo Recreativo 20 Arautos de D. Afonso Henriques

Domingos Duarte de Araújo Dantas, Presidente; João Ferreira Rodrigues, Secretário; João Ferreira Ramos, Tesoureiro; António Pereira, José Dias e Domingos da Silva Braga, do Conselho Fiscal; João Abreu, Elísio Brites, António Luís da Silva Dantas, José Fernandes Vieira, António Gonçalves, João Gonçalves Ribeiro, Adelino Félix, António Pereira Claro, José Fernandes, Joaquim Fernandes, José Soares Bastos, Sebastião Mendes, José Soares Francisco Mendes, António Bento Ribeiro, Álvaro de Sousa Cardoso e Aníbal Rodrigues Milhão.

TELEFONE 74

HOTEL DO TOURA GUIMARÃIS

Situado no ponto mais central da cidade, completamente transformado e com todo o conforto moderno. Agua canalizada, luz e campainhas eléctricas em todos os aposentos. Quartos de banho. Esmerado serviço de mesa.
GERENTE: **Paulino Ferreira Leite**
Luxuosa sala de jantar ao rés-do-chão.

HOTEL DA PENHA

A 617 METROS DE ALTITUDE

Instalações modernas e confortáveis, reunindo tôdas as condições de higiene e comodidade.

Expressamente proibida a entrada de doentes pulmonares.
Telefone 114 Gerência de **Paulino F. Leite**

CAFÉ SPORT

Situado no mais aprazível local da cidade, com magníficas vistas para as duas principais praças de Guimarães e para a estância da Penha.
Optimo serviço de café, gelados, etc.

Toural - GUIMARÃIS



MARCA DA FÁBRICA

Fábrica de Fiação e Tecidos da Madrôa

DE
FREITAS, PEREIRA & C.^a

Escritório e depósito: Praça D. Afonso Henriques, 70
Telefone n.º 24 GUIMARÃIS

Timm & Castro

REPRESENTANTES

68, PRAÇA D. AFONSO HENRIQUES, 69

GUIMARÃIS

Pensão de Guimarães

de
JOAQUIM DA SILVA

Diárias, 14\$00 a 20\$00 Almoços a 8\$00
Jantares a 10\$00

Travessa de Camões, 19 a 21
Telefone, 121 GUIMARÃIS

Fábrica Manual de Calçado **Conquistador**
e Depósito de Cutelarias e Pentes

DE
BARROS, PINHEIRO & MARINHO, L.^{da}

Largo 1.º de Maio, 47 a 51 - GUIMARÃIS

CAFÉ ORIENTAL

O mais freqüentado da cidade ■ Instalações modernas

Telefone - 154

Situado na Praça D. Afonso Henriques

Guimarães

T. Mendes Simões

Sucessor de PEREIRA, SIMÕES & C.^a, L.^a

Fabrico de Calçado e Cutelarias

V Í M A R

MARCA REGISTRADA

R. da Liberdade, 70 a 74

GUIMARÃIS

TELEFONE - 85

A. J. Pereira da Silva & C.^a

ARMAZÉM DE FERRAGENS - CUTELARIAS - PENTES

FABRICO MANUAL DE CALÇADO
= VIMARANES =

Rua de Trás-Gaia, 21 - GUIMARÃIS

OURIVESARIA E JOALHARIA

DE

RUA PAIO GALVÃO

Telefone 212

JOSÉ FERNANDES GUIMARÃIS

Transformam-se e concertam-se todos os objectos em ouro, prata e jóias. Concertam-se relógios.

SOUSA & COELHO

OURIVES FABRICANTES

Especialidade em Jóias género antigo

91, Praça D. Afonso Henriques, 92

Telefone, 50 GUIMARÃIS

CASA DOS LINHOS
(REGISTADA)

Tele(gramas: Teixeira Abreu
fone n.º 25

Teixeira d'Abreu & C.^a

Premiados na Exposição de Paris de 1900

Fabrico especial de panos de linho de Guimarães.
Atoalhados, panos de algodão, lenços, colchas de sêda e ditas de algodão.

Bordados regionais; serviços para cama, ditos para mesa, centros, naperons, etc.

32, 33, 34, L. Prior do Crato, 35, 36, 37 - GUIMARÃIS

Só Chales Pretos

Única casa que fabrica no País só chales pretos de estambre, estambre e sêda, barras de sêda, lã, lã e sêda, etc.

VENDAS SÓ A ARMAZENS

AMADEU ESTEVES
COVAS - GUIMARÃIS

Fábrica Manual de Calçado ◇ ◇ ◇ ◇

◇◇ JOSÉ ANDRÉ ◇◇

Telefone 169

◇ ◇ ◇ ◇ Campo do Salvador--GUIMARÃIS

A COMPETIDORA VIMARANENSE
FABRICO DE PENTES

Fernandes & Ferreira

Fabricam-se Pentes competindo com o estrangeiro

Rua da Arcela, 30

GUIMARÃIS

Oficina e Depósito ■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■ de Calçado Manual

DE

Manuel da Silva Pita

Rua da Arcela, 64

GUIMARÃIS

Fábrica "Arcelinha," de Pentes ■ ■
e Agulhas de Lã

Viúva José Pinheiro da Costa & Sousa, L.^{da}

Premiada em diferentes exposições

A mais antiga em fundação, e a mais moderna em processo de fabrico.

Rua da Arcela, 2-4-6

GUIMARÃIS

Fábrica Manual de Calçado para Homem, Senhora e Criança

DE

ANTÓNIO DE ALMEIDA GUIMARÃIS

Fabrico esmerado a preços de combate

62, Rua da Ramada, 70 Telefone, 80 GUIMARÃIS

Fábrica de Tecidos da Rua da Liberdade

DE

ANTÓNIO DE SOUSA

Rua da Liberdade

GUIMARÃIS

OFICINA DE CALÇADO

DE

Aníbal Rodrigues Milhão

26, RUA DE EGAS MONIZ, 30—GUIMARÃIS

Garage Moderna

de Francisco Fernandes e José Duarte

Aluguer de carros de luxo de 4 e 6 lugares
a preços sem competência.

Rua 31 de Janeiro, 183

TELEF. { Garage 223
Toural 210

GUIMARÃIS

Viúva de Francisco Ribeiro

COM OFICINA E ARMAZÉM
DE CALÇADO

PARA HOMEM E CRIANÇA

E

FÁBRICA MECÂNICA
DE TECIDOS DE ALGODÃO,

RISCADOS,

PANOS ALINHADOS,

COLCHAS, Etc.

Rua de S. Torcato, 20 a 32 — Guimarães

João de Freitas

Mestre caiador e pintor

Encarrega-se de toda a obra de caiador e pintor, com toda a perfeição e rapidez. Garante pessoal assegurado. Encarrega-se também de toda a obra, em cimento armado, com a máxima segurança.

7, RUA EGAS MONIZ, 7-^a — GUIMARÃIS

Alfaiataria Económica

DE

ANTÓNIO FERNANDES

"Carriço"

Execução de toda a obra concernente a esta arte. Preços sem competência.

Rua do Gravador Molarinho, 9

Guimarães

CASTRO & SALGADO

OFICINA DE CALÇADO

ESPECIALIDADE EM CALÇADO

para Homem, Senhora e Criança

265, Rua D. João I.º, 269 — GUIMARÃIS

OFICINA MANUAL DE CALÇADO

Para HOMEM

SENHORA

E CRIANÇA

— DE —

JOSÉ LOPES

Fabrico esmerado. Preços sem competência.

Largo da República do Brasil, 32 — GUIMARÃIS

Antiga Tinturaria de Guimarães
(Fundada em 1871)

Rua de Gil Vicente, 26 a 30

Nesta acreditada tinturaria, com clientes em todas as províncias, executam-se todos os trabalhos concernentes à sua arte por processos modernos.

Tintos firmes, em cor e preto, para todos os artigos.

A única que garante todos os seus tintos.

Envia encomendas, contra reembolso, para todos os pontos do país.

PREÇOS SEM COMPETÊNCIA

Manuel Pinheiro Guimarães & C.^a, Sucessores

106, Praça D. Afonso Henriques, 111 Telefone 55 **Guimarães**

ARMAZEM DE FAZENDAS DE LÃ, SEDA E ALGODÃO NACIONAIS E ESTRANJEIRAS. VENDAS POR JUNTO E A RETALHO. CORRESPONDENTES BANCÁRIOS. AGÊNCIA DA COMPANHIA DE SEGUROS «DOURO» E PEARL ASSURANCE COMPANY, L.^{da}

FARMÁCIA RODRIGO DIAS, SUCESSOR
Henrique de Sousa Correia Gomes
Farmacêutico pela Universidade de Coimbra

72, R. da República, 74 Telefone 148 **Guimarães**

Agência da Companhia de Seguros Contra Desastres no Trabalho «A SOCIAL».

Fábrica a Vapor de Pentes de Chifre e Celulóide
Armazém de Ferragens e Cutelarias □ Depósito de Calçado e outros artigos
Indústria de Guimarães
Casa fundada em 1866 Telefone n.º 96

Silva, Guimarães & C.^a
Rua 31 de Janeiro **GUIMARÃIS**

Armazem de Pentes, Ferragens e Cutelarias
DEPÓSITO DE CALÇADO

Augusto Mendes

Rua de Gil Vicente, 45 e 47 **Guimarães**

FOTOGRAFIA BELEZA
R. 31 DE JANEIRO □ □ **GUIMARÃIS**
REVENDEDOR DE PRODUTOS «AGFA»

Recomendam-se ao Ex.^{mo} Público os trabalhos desta casa, uma das mais bem montadas da Província.

Aos Ex.^{mos} Amadores: — Acabamentos no prazo máximo de 24 horas.

O Proprietário: MANUEL ALVES MACHADO

Fábrica de Guarda-sóis e Chapéus
Faria & Fernandes, L.^{da}

SÉDE Telefone, 89 FILIAL
51, Largo Prior do Crato, 54 Praça D. Afonso Henriques, 50
GUIMARÃIS

=====
A N T I G A S U C E S S O R
FARMÁCIA REBELO III M. AUGUSTO DUARTE
=====

Serviço de mesa -- Almoços e jantares
Especialidade em vinhos da região e doce de Guimarães

Largo 1.º de Maio, 27 — **GUIMARÃIS**

Sebastião de Freitas

Encarrega-se de toda a obra de caiador, pintor e por conta própria ou empreitada.

157, R. de S. Dâmaso, 161 — **Guimarães**

Auto-Garage Avenida

Av. Cândido Reis — **GUIMARÃIS**

DOMINGOS ALVES MACHADO & C.^a

Venda de pneus de tôdas as marcas.
Pinturas com os afamados esmaltes a frio — DUCO.
Reparações e acessórios para automóveis.
Óleos. Gasolina. Massa consistente.
Automóveis de aluguer, para o que dispomos de bons carros. — Consulte V. Ex.^a os nossos preços, quando necessite de qualquer serviço.

Officinas: R. de Vila-Flor Telefone n.º 175

Castro & Ribeiro

CALÇADO, PENTES, FERRAGENS, ETC.

O melhor fabrico manual para exportação.
Preços de combate.

Largo 1.º de Maio, 33 • **GUIMARÃIS**

Representante no Pôrto Representantes em Lisboa
□ □ João Costa □ □ Reinaldo R. Castro Gomes & C.^a
Largo de S. Domingos, 66 - 1.º Rua dos Correeiros, 174 - 2.º

Fábrica de Pentes do Ribeirinho

Fornecedora dos principais armazéns exportadores

Pentes de tôdas as qualidades TELEFONE 128
Travessas e ganchos para o cabelo **GUIMARÃIS**
Calçadeiras e agulhas para lâ (PORTUGAL)

Fabrica de Lanifícios da Breia

..... DE
Oliveira, Irmão & Costa, L.^{da}

(FUNDADA EM 1908) Telefone n.º 31
GUIMARÃIS

Chales, colchas, panos de mesa, tecidos para senhoras e outros produtos artisticos.

Premiados com MEDALHAS DE OURO em tôdas as Exposições a que concorreram.

Da Terra e dos Santos

(Trovas populares)

I

Cidade de Guimarães,
quatro vilas em redor:
Vila Boa, Vila Verde,
Vila Pouca, Vila Flor.

II

Se fores a Guimarães,
Diz a canção popular:
tem cautela co'as canelas,
não as deixes lá ficar.

III

Guimarães é boa terra,
dá de comer a quem passa;
quem tiver dinheiro come,
que nada não dão de graça.

IV

Chamais a Braga cidade?!
Guimarães lhe dá no rosto;
Braga para ser cidade,
há-de ser com'a do Pôrto.

V

Eu vou para a romaria,
milagroso "S. Torcate"!
Se o pai me der licença,
A minha mãe não me bate.

VI

Milagroso "S. Torcade",
que estás lá na capelinha;
se não fôsses milagroso
no dia estavas sôzinho.

VII

Que quereis ao S. João,
que por êle preguntais?
Esperai-o na Falperra
à vinda de Guimarães.

VIII

A Senhora da Oliveira,
tem uma lança na mão,
p'ra matar a Braga velha
que foi falsa à Nação.

IX

Se tu visses o que eu vi
à vinda de Guimarães!...
Uma cadela com pitos,
uma galinha com cães.

X

Adeus, largo da Oliveira,
botequim da água-ardente;
adeus, jardim do Toural,
recreio de tanta gente.

A. BRAGA.

(De um cancionero a publicar).



Castelo de Guimarães

O LEAL VASSALO

Ao Alberto Vieira Braga.

Assolando, queimando e destruindo a terra,
Num avanço e arrôjo iníquos da façanha
E de sangrenta guerra,
Põe cerco a Guimarães o Imperador de Espanha!

Lá dentro, no Castelo, a côrte é reunida.
Cavaleiros, barões e o povo vigilante
Acorrem à defesa exigua e destemida
E acatam Dom Afonso, — o belicoso Infante.
Obedecendo às ordens, cada qual se apresta,
Desde o maior vassalo à gentilha de bêsta.

Vendo o sítio cruel, terrível, apertado,
De séria consequência ao pequeno país,
Cisma, pensa e medita a um canto, acabrunhado,
Cofiando a barba farta, o velho Egas Moniz.
E' que êle não se ilude e nem nutre esperanças,
Que não há provisões, nem homens e nem lanças;
E o'frecer resistência ao adversário forte
Equivale a mandar aquela gente à morte.

Silencioso, abismado e numa angústia imensa,
Previendo uma derrota, o leal vassalo pensa...

A situação é grave e urge resolver.
Inútil reagir. Inútil combater.
O exército espanhol em breve esmagará
O luso desprovido. Então, melhor será
Usar de estratégia. E, sossegando o Infante,
Pede-lhe permissão, apenas de um instante:
E o nobre preceptor, afrontado o perigo,
Deixa o Castelo e vai às hostes do inimigo.

Recebido com honra, — o grande Imperador
Escuta Egas Moniz que, jurando menagem,
Roga levante o cerco; o seu amo e senhor
Promete ir a Toledo, e prestar vassalagem,
Suzerania e preito e a devida tenência;
— O que podia crer em sua sã consciência.

Perante a afirmação dum aio tão leal
O poderoso Rei levanta o arraial,
E a retirada faz-se. Além rufam tambores...
Na côrte há alvoroço, anseios e clamores.
Egas regressa ao Paço. E, logo, em anciedade,
O valoroso Infante inquire da verdade,
Do milagre operado — ideia redentora —
Por êle concebida em tão sagrada hora.

E vai Egas Moniz, serêno e satisfeito,
Relata a Dom Afonso o juramento feito.

Um espanto geral retumba no salão!
Num arremêso irado, em voz de indignação,
De cólera brutal dum feroz incontinido,
Julgando-se ultrajado e — muito mais — traído,

O bravo Infante brada:

— E' preciso que fiques
A saber, tu, Moniz, que Dom Afonso Henriques
Vassalagem não presta, e nem a prestará
Jamais, em tempo algum (e o porvir ô difrá),
Como o afirmaste ao Rei de Castela e Leão!

A' face da resposta — um resoluto não, —
Que palavra real não sonda nem recua,
Resolve Egas Moniz, depois, cumprir a sua.

E dum rude vestir, descalços, maltrapilhos
E cordas ao pescôço, êle, mulher e filhos
— Como quem vai p'rá morte ou vai cumprir degrêdo —
Lá vão, caminhos fora, à côrte de Tolêdo...
E cheios de fadiga e fome e sede e pó
— Grupo humilhado a inspirar paixão e dó, —
Aguarda-os no palácio o duro Imperador.
Avança Egas Moniz e fala assim:

— Senhor:
Não tendo Dom Afonso o meu pacto cumprido,
De vir aqui jurar obediência e preito,
Como eu em Guimarães houvera prometido,
Escravo da palavra, a ti fico sujeito.
Ora dispõe, ó Rei, como bem te aprouver,
De mim, dos filhos inocentes e mulher.

Ante a nobre atitude e tão grande lealdade,
O Imperador perdôa e dá-lhes liberdade.

Julho de 1933.

LEÃO MARTINS.

Subúrbios

Em nossa opinião nenhuma cidade
possui mais belos, mais encantadores
subúrbios.

VILHENA BARBOSA.

S. Torcato — a 6,5 quilómetros, onde se
pode admirar o majestoso templo e relicário do
Santo — o mais devoto e celebrado no Minho.

Costa — a alguns minutos de automóvel,
onde, além da amenidade local, «fica um templo,
convento e cêrca, que denotam vestígios duma
magnificante vida monástica».

Serzedêlo — na freguesia de Santa Cris-
tina de Serzedêlo, a meia hora de carro da sede
do concelho. A sua igreja é monumento nacio-
nal. Foi edificada pelos Templários em meados
do séc. XII.

Pevidém — a dez minutos de automóvel,
centro fabril muito importante, com uma paisa-
gem surpreendente de beleza.

A Oliveira da Praça

*«A Senhora da Oliveira,
de pequenina tem graça;
tem bons mantos de virtude
e a oliveira na praça.»*

Esta oliveira a que alude a trova popular, tem história, tradição, lenda. É uma oliveira de milagre e maravilha.

Se quiserem ouvir...

Em épocas remotas, havia junto ao Mosteiro Velho de S. Torcato uma oliveira que dava azeite para a lâmpada do Santo. Um dia essa oliveira foi trazida para junto da igreja de *Santa Maria de Guimarães*. No seu novo pousio vivera e vicejara a transplantada oliveira. Cansada, porém, de velhice, vergando já ao peso dos anos, a oliveira tornando-se infecunda em frutos, acabou por secar.

Pobre tronco ressequido, para ali estava, conformado à sua sorte dura — quem sabe! — talvez a ser reduzida a cinzas na lareira patriarcal da *Casa do Priorado*.

Mercê de Deus, calhára junto da oliveira predestinada ser levantada uma cruz — aquele elegante cruzeiro gótico que está abaixo do Padrão de N. Senhora da Vitória, e que um mercador devoto mandara vir dos canteiros da Normândia.

Pois senhores: três dias decorridos após o levantamento da cruz, a oliveira mirrada e sêca, reverdecera; toucara-se de flôr!

Para mais espanto e confusão das gentes, esta primavera singular brotara no mês das colheitas!

Ao fulgôr divino deste milagre, a oliveira prodígio entrou de refflorir e a azeitonar — por maneira tão celebrada que, desde logo, se achou excelente crismar com o nominativo de *Nossa Senhora da Oliveira* a imagem que no templo de Mumadona, desde épocas remotas, se evocava *Santa Maria de Guimarães*.

Passou-se este fenómeno celeste na era cristã de 1380 — e nenhuma criatura que seja de fé o pode pôr em dúvida. (1)

Enfeitada e protegida esta oliveira por um polígono de pedra, esbracejava a sua ramaria abençoada em pleno coração da *Praça Maior*.

Destarte, eram «árvores» de maravilha e caudal de milagres — a *Oliveira* e a *Cruz* — símbolos redentores a cuja sombra e protecção se acolhiam caudais imenãos de devotos, desde as pessoas reais à grei obscura!

Foi em paz e glória girando a Terra á volta do Sol, as gerações sucedendo-se às gerações, até que um dia a oliveira consagrada e memorável levantou contra si poderosos inimigos.

Porquê?! Não lhe interessavam a sombra nem o fruto? Acaso lhe queriam mal por ódio iconoclasta?

Fôsse como fôsse: o certo é que, nem mesmo quando alguém buscando aureolar de lenda a miraculosa oliveira a atribuíra à aguilhada reverdecida daquele celebrado rei gôdo de nome Bamba, nem mesmo assim alcançaram demover os duros propósitos daqueles poderosos inimigos que queriam destruir a árvore mirífica — como asseverava solene e ameaçador o Cabido da Insigne e Rial Colegiada, adulterando os propósitos dos «homens bons» da governança municipal.

... Mas desfiemos o conto:

Corria o ano de 1858.

A Câmara, para desembaraço da *Praça Maior*, propôs ao Cabido a mudança da oliveira. Ficaria melhor no recanto que defronta com a rua de Santa Maria.

O Cabido, formal e rijo, opõe-se à deliberação municipal.

Passam anos. O caso parecia arrumado. Mas não. A Câmara, volta à carga. O Cabido, resiste. As autoridades e a política, interveem. Complica-se a questão.

Vai o caso bélico para os tribunais.

Entretanto, as paixões acirram-se. E, na

noite de 8 para 9 do aspérrimo mês de Fevereiro do ano de 1870, um atentado é cometido contra a *oliveira da praça!*

Sacrilégio! Crime nefando!

... Efectivamente, desde há muito que se vinha rosnando pelo burgo:

— *Qualquer dia, adeus oliveira da praça!*...

Nêste desassossêgo viviam os serventuários da Colegiada, aos quais o Cabido havia recomendado se pusessem de atalaia.

Nisto, uma noite, seriam duas horas da madrugada, ouvem-se ruídos de ferro, quebrando o ritmo cantante da água da fonte — daquela fonte de três bicas que enfeitava o largo.

— *A oliveira!... Eles lá estão!* brada o servo, sacudindo nervosamente o sineiro, para que vá dar rebate à tórre.

E dolentes badaladas soam no sino do «Senhor da Agonia» — como se a oliveira, qual criatura de Deus, se estivesse a partir deste mundo para o outro!

Mercê do que — dizia o Cabido em queixa para o Governador Civil: — *não levaram ao fim o resultado da sua maldade, porque... começou a tocar à agonia, a cujo toque os malfeteiros fugiram espavoridos.*

Ai, porque se não dessem às de Vila-Diogo, nem a alma se lhes aproveitava! Assim o fazia crer a citada queixa do cabido: — *tiveram de fugir a tôda a pressa, para escaparem ao povo que tendo em grande veneração a oliveira se propunha fazer-lhes justiça por suas próprias mãos.*

No dia imediato o Cabido mandou reconstruir o polígono que rodeava a oliveira, — a parte onde o atentado se perpetrara.

Presto acorre o «olheiro» municipal, opondo, em nome da Câmara, embargos à reconstrução.

Furibundo o Cabido, pela voz do seu Cónego-cura, lança anátemas de excomunhão contra os mandatários e executores do sacrilégio, de-passo que apela novamente para os tribunais.

Dez meses decorridos, a Câmara propõe uma transacção ao Cabido. O Cabido, não responde. A Câmara insiste, e fá-lo nestes termos:

— *«Tornando-se indispensável ao acabamento do calcetamento da Praça da Oliveira a remoção desta árvore e sua cercadura sobre cuja posse corre pleito, e sendo esta a estação própria para a sua plantação, a Câmara incumbiu o seu procurador (F)... de propôr ao Rev.^{mo} Cabido... uma transacção... Como até hoje não tenha tido resposta...»*

Destá vez o D. Prior, do alto da burra, diz:

«A resposta do Rev.^{mo} Cabido à novíssima proposta, e insistência de V. Ex.^a a tal respeito é sempre a mesma que tem dado a todos os Ex.^{mos} Presidentes Municipais...»

Fecho do ofício:

«... o Cabido não pode, nem deve consentir na intentada remoção; menos que não seja para isto compelido por fôrça maior.»

Ao tempo sucede o tempo e a Justiça dá o pleito a favor do Cabido.

Embora!

A Câmara, requere a expropriação, evocando a «utilidade pública».

O Cabido impugna: «... não há utilidade pública... O que há é utilidade particular de um ou dois indivíduos, um dos quais é o próprio presidente da Câmara.»

Arde Tróia!

A imprensa local, «Religião e Pátria», «Vimaranense», «Eco do Norte», carregam os arcabuzes de pederneira e — fôgo!

Uma tirada dos partidários do Cabido: — *«Além disto a Câmara quer fazer ver que o largo em que está a oliveira é do município, que não é, mas do Cabido.»*

Em 13 de Junho de 1871 anuncia uma das gazetas:

— *«Parlapaticie engulida — Já deu entrada na secretaria do reino o processo de expropriação da ridícula oliveira, apesar do sr. (F.) Governador Civil de Braga haver terminantemente declarado no Toural e em outros sítios... que o não mandaria para Lisboa.»*

Através a local, estoiravam, aqui e ali, estes... foguetes, dirigidos ao Chefe do Distrito: «O parlapatão», «o rábula», «o vilão», «o desgraçado!»

Nesta altura o Cabido, de mãos postas, dirige ao Rei um apêlo:

— *«Senhor: O Cabido da Insigne e Rial*

Festa em Guimarães

Século XVI

No dia 14 de Maio de 1548 entrou em Guimarães o infante D. Luís, 4.^o filho de El-Rei D. Manuel I, vindo de S. Tiago da Galiza. A vila o foi esperar ao Miradouro com uma dança mourisca de 300 meninas e João de Évora, seu mestre, por El-Rei. A S. Lázaro lhe saiu uma dança de moças bem parecidas e concertadas, que dansavam muito bem, de que ele gostou, e lhe cantavam:

*«Meninas de Alfama
Não vades ao chafariz
Bem sabeis as tretas
Do Infante D. Luís.»*

Esperado na Colegiada pelo D. Prior e Cabido debaixo do pátio. Hospedou-se na Rua de Santa Maria, casa de António de Mesquita do «Corrego» (Corgo), que fôra de João de Figueiroa (defronte do Asilo de Santa Estefânia). No dia seguinte, corrida de touros e um matou um homem, e, em seguida, no mesmo dia, foi ver o mosteiro da Costa, de onde logo voltou para os paços do duque, onde houve lutadores, e à noute vendo a vila, que D. Teodósio, duque de Bragança, dera em dote ao infante D. Duarte, irmão de D. Luís, disse:

— Se quem te deu te vira, não te dera.

(De um M.^s do historiador vimaranense André Afonso Peixoto).

JOÃO LOPES DE FARIA.

Colegiada de N. Senhora da Oliveira pode assegurar a Vossa Majestade que o público muito há-de sentir se vir arrancar a oliveira que a Câmara quer expropriar...»

E a representação fechava por esta tirada... lírica:

«E' tal a veneração por ela que as pessoas da cidade e seus subúrbios e até doutros concelhos, que quando vão para o Brasil cortam um ramo da oliveira e levam-no consigo, e no dia 15 de Agosto, dia em que se festeja Nossa Senhora, os mesários e irmãos assistem à festa tendo cada um colocado sobre a opa um ramo da sobredita oliveira.» (2)

A 13 de Setembro, a Relação indefere o pedido da expropriação, com o fundamento que — *«pende processo judicial à cerca do domínio do terreno em que se acha plantada a oliveira.»*

Era a chicana! Pois bem. Contra ela surge, a 19 de Junho de 1872, este facto, noticiado pelo «Vimaranense»:

— *«Arboricídio: A célebre oliveira da Praça que andava nas asas da fama em razão do conflito que... se houver levantado entre o Cabido e a Câmara de Guimarães, apareceu na madrugada de quarta-feira separada do tronco... Pelo que toca à sorte da finada, lembra-nos que não somos nada neste mundo: ainda ontem viva e verde e já hoje prostrada e morta!»*

E, a arrematar, este golpe de fina ironia:

«Assim passaram os cedros do Libano, esses velhos patriarcas da vegetação, à vista dos quais a oliveirinha ocupava apenas o lugar de menina do côro. Sirva ao menos isto de consolação.»

Mas o protesto popular, estala!

Luís Cardoso (Conde de Margaride) é vaiado... por umas mulheres, quando saía do edifício da Câmara. (3)

... E a oliveira da Praça, entrou definitivamente na imortalidade.

Reviveu... heraldicamente.

Como símbolo de paz, emoldura o *Brazão da Cidade*.

A. L. DE CARVALHO.

(2) Todas as notas referentes ao Cabido, foram recolhidas de manuscritos coordenados no «Arquivo Municipal de Guimarães».

(3) Os jornais da época mal aludem à ocorrência. Ela foi, porém, tão ruidosa, que o nobre titular chegou a ser ameaçado de morte. Afirman-no ainda hoje pessoas insuspeitas.

(1) «Memórias Ressuscitadas da Antiga Guimarães», P.^e Torcato Peixoto de Azevedo, pág. 263 e 311.

Fábrica de Cutelarias MELO MARCA-3

A MELHOR DE PORTUGAL

FUNDADA EM 1920

JOSÉ FERNANDES DE MELO

Creixomil — Rio de Selho — GUIMARÃIS

FÁBRICA DE TECIDOS DE S. MIGUEL
ANTIGA-FABRICA DOS ATRANQUILHOS
DE

ARISTEU, LOPES & OLIVEIRA, L.^{DA}

Fabrico Manual de Colchas de sêda, Atoalhados finos, etc.

TELEFONE - 23
CREIXOMIL GUIMARÃIS

Fábrica de Tecidos do Miradouro

DE

Joaquim de Almeida Guimarães

TELEFONE, 183

CREIXOMIL GUIMARÃIS

Fábrica de Cutelarias SILVA, MARCA-5

Fundada em 1882

José Francisco da Silva, Filho & Genro

Miradouro Guimarães

M. MACHADO-Guimarães
53
REGISTADO

Uma das melhores
cutelarias
nacionais.

Fundada em 1917.

Fábrica de Cutelarias
MANUEL MACHADO

MIRADOURO-Guimarães-Portugal

Especialidade em Talheres e Facas para
cozinha, de qualquer qualidade. Cutelos
para cozinheiro e marchante. Facão para balcão.

Fábrica de Cutelarias a Vapor

Marca 35 Registada

A mais antiga e a mais acreditada. Premiada na Exposição Internacional
do Rio de Janeiro de 1922-23, e em todas a que tem concorrido, com
Medalha de Ouro, e com Diploma de Honra em Sevilha.

Fábrica Manual de Tecidos de Algodão e Sêda

Joaquim Ribeiro Moupa

PISCA — Guimarães — Portugal

Fábrica de Cutelarias

de

Tomás Fernandes

Marca 85

Uma das melhores marcas

Miradouro Guimarães

Fábrica de Colchas

DE

JOSÉ RODRIGUES

Dêvesa — S. Martinho de Candoso

GUIMARÃIS

MERCEARIA - FERRAGENS E MIUDEZAS

ARMAZÉM DE

VINHOS E CEREAIS

JOAQUIM DE OLIVEIRA

TELEFONE 24 PEVIDÉM

SERZEDELO GUIMARÃIS

Fábrica Portuguesa de Colchas
em Sêda e Algodão

Joaquim da Cunha

COVAS — GUIMARÃIS — Telefone n.º 226

Fábrica de Tecidos de Algodão e Sêda

DE

Narciso de Sousa Lobo

R O N F E GUIMARÃIS

FÁBRICA DE TECIDOS DE ALGODÃO E SÊDA

ESPECIALIDADE
EM PANOS
ALINHADOS
PARA LENÇÓIS

ANTÓNIO MOREIRA GOMES

TELEF. 22 — Rêde Pevidém

GANDARELA = GUIMARÃIS

Fábrica de Fiação e Tecidos da Abelheira

DE

Alfredo da Silva Araújo & C.^a, L.^{da}

Sede e Fábrica em **CASTELÕES** — Guimarães

A correspondência deve ser dirigida para Pôrto d'Ave — Póvoa de Lanhoso

ARMAZÉM DE CEREAIS E LEGUMES

DE

Bento Soares da Costa

ESTAÇÃO DE LORDELO

Correio de S. Martinho do Campo
Minho II

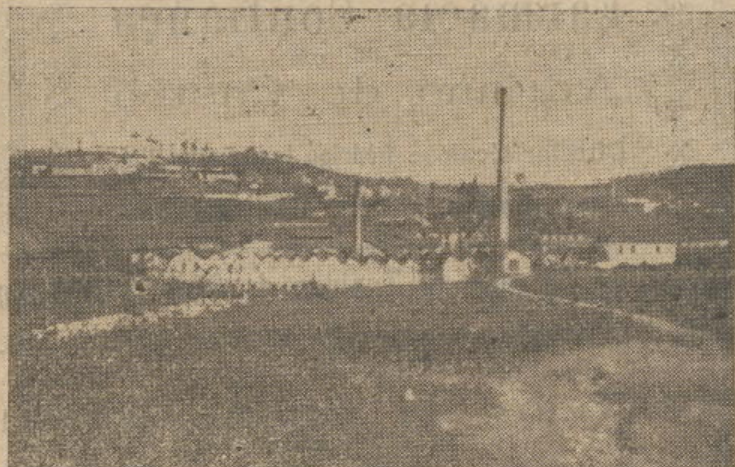
Fábricas de Fiação e Tecidos do Moinho do Buraco e de Santo António do Caído

Francisco I. da Cunha Guimarães & Filhos

Fabrico esmerado de todos os tecidos de algodão

Telefone, 235

PEVIDÉM



Vista geral da Fábrica do Moinho do Buraco — (Fundada em 1890)



Central hidro-eléctrica da Fábrica do Moinho do Buraco

Empresa Industrial
do Pevidém, L.^{da}

FÁBRICA
DE
FIAÇÃO
E
TECIDOS
DE
ALGODÃO

Pevidém — Guimarães

Auto-Garage no Pevidém

DE

Pereira & Leite

Pevidém

Guimarães

Serviço diário de transportes
e passageiros entre Pevidém,
Ronfe, Joane, Famalicão
e Pôrto, e vice-versa, e
automóveis de aluguer.

Sede no Pevidém — Lugar do Penêdo — Telefone, 10

Escritórios em Guimarães: Escritórios no Pôrto

Braga & Carvalho, L.^{da} Para carga: Rua do Almada, 73-75

Telefone, 78

Telefone, 4914

e

Camilo Larangeiro dos Reis (em frente ao «Comércio do Pôrto»)

Telefone, 205

Telefone, 1251

GASOLINA E ÓLEOS DA
VACUUM OIL COMPANY

Os 20 Arautos de D. Afonso Henriques

A exemplo de outras terras, não podia a rapaziada desta cidade ficar inactiva. Adelino Vila Nova Guimarães, Alexandre da Silva, Amílcar José Lopes e Abílio Pinto de Sousa Lobo, reunidos em comissão, resolveram lançar as bases para a constituição de um Grupo Recreativo na cidade de Guimarães. E, dito e feito.

Na sua primeira reunião, em 27 de Outubro de 1929, e depois de diversos alvitres apresentados, resolveram denominá-lo «Os 20 Filhos de D. Afonso Henriques».

Estava, pois, criado o Grupo.

Uma vez assente a sua denominação, que foi inspirada em um acto de bairrismo, que muito honra aqueles quatro rapazes, trataram de chamar a si mais dezasseis dos seus amigos, para prefazer aquele número, e de resolver a sua cotização, que ficou sendo de 5\$00 de jóia, e 1\$50 semanais.

Foi com esta pequena cotização que deram o seu primeiro passeio que, como não podia deixar de ser, se dirigiu para o Minho, em 27 de Julho de 1930. Fôra estabelecido visitar Viana do Castelo, com passagem pelos Arcos de Valdevez. Mas, uma vez ali, e depois de um belo almôço na Pensão Emilia, que os serviu a primôr, em vez de seguirem para Viana directamente, resolveram prolongar o passeio, seguindo a corda do Alto Minho: Monção, Valença, e tôdas aquelas lindas povoações que marginam o rio Minho, e depois o aceanço, até que chegaram a Viana do Castelo. Estava, pois, terminada a sua primeira excursão, regressando à sua querida terra depois do jantar que, diga-se de passagem, não vale a pena referir o hotel que os recebeu.

Em 1931, continuou o Grupo, sob a mesma denominação, mas já com a cotização de 2\$50 semanais, resolvendo realizar o seu segundo passeio à linda e douta cidade de Coimbra, com paragens na Curia e Bussaco. Foi uma excursão que lhes deixou saudades, tendo sido admiravelmente recebidos em tôda a parte.

Com disciplina e ordem, que é o apanágio de tôda a gente que tem correcção e linha, realizou este Grupo, mas já com a denominação de *Os 20 Arautos de D. Afonso Henriques*, que diversos sócios julgaram mais adequado por ter sido sempre o primeiro a abrir caminho, realizaram os *20 Arautos* o seu terceiro passeio, que, diga-se alto e bom som, foi o que marcou em letras de ouro a sua existência.

Tendo saído de Guimarães, com demora de 4 dias, em Julho de 1932, foi o Grupo a Nazaré, Alcobaca, Batalha, onde deixou uma palma em bronze, com a dedicatória em uma placa de prata, sendo esta a primeira oferta que a cidade de Guimarães depôs na sepultura daqueles que pela Pátria deram o seu sangue precioso.

Passando, mais uma vez, pela cidade de Coimbra, a cidade dos Amores e da Ciência, aí deixamos uma miniatura do nosso Castelo, executada em barro, oferecida à illustre Sociedade de Defesa e Propaganda.

Recebidos aí, na sua sede, pelos Ex. mos Srs. António Morais e Dr. Manuel Braga, respectivamente presidentes da Sociedade e da Comissão de Turismo de Coimbra, com tôda a amabilidade e distinção que lhes é peculiar, em pequenos mas elegantes discursos de agradecimento e boas-vindas, propôs o Sr. Dr. Manuel Braga à Sociedade de Defesa e Propaganda para que fôsse oferecida ao nosso Grupo, em troca do Castelo, uma ampliação da Igreja de Santa Cruz, proposta que foi aceite pelo Sr. António Morais. E foi em 22 de Janeiro dêste ano da graça de 1933 que a illustre Direcção da Sociedade se desioceu de Coimbra até Guimarães, para nos trazer pessoalmente aquela bela ampliação do templo em que repousam os restos mortais do Fundador da Nacionalidade Portuguesa, ampliação que, com a sua dedicatória em uma placa de prata, ostentamos com orgulho na nossa sede, onde foram recebidos aqueles distintos cavalheiros.

Feita a pequena história do nascimento do Grupo, e frizados, embora sem ciência, mas com gôsto, os actos mais importantes da sua vida durante os 3 anos passados, resta dizer que nos acompanhou sempre, em todos os nossos passeios, uma pequena estátua do nosso Patrono; e, sempre que temos passado por

Um desafio

É uma cidade histórica, é a cidade santa dos portugueses!

Gomes Teixeira.

Adoro Guimarães. É o solar de Portugal.

Leonardo de Castro.

Guimarães... pátria da Pátria Portuguesa.

Fidelino de Figueiredo.

Exceptuando Lisboa, Pôrto e Coimbra, qual é a cidade portuguesa, a não ser Guimarães, que maior número de nomes ilustres pode apresentar como embaixada de valores sociais?

Desafiamos tôdas as terras do país. Não receamos confrontos. Em proporção de extensão topográfica, nem aquelas três cidades nos sobrelevam. Guimarães é o orgulho dos vimeiraneses. Orgulho justificado, como o leitor verá pelo que sem retórica, nem literatura, ou fantasia, aqui lhe passamos a descrever.

A lista é enorme e facilmente a preenchemos. Escaparão alguns nomes? Sem dúvida, mas ainda assim, a colheita fica riquíssima.

Foram notáveis:

Na Religião — S. Dâmaso, D. Agostinho Barbosa, o Padre António Sena, douto professor de Lovaina e glosador de S. Tomás de Aquino, e o Padre Campo Santo.

Na Jurisprudência — Os Doutores Manuel Barbosa, Agostinho Barbosa, Bento Cardoso, José Sampaio, Avelino Guimarães, etc.

Na Medicina — Avelino Germano da Costa Freitas, Agostinho do Souto, Joaquim José de Meira, Matos Chaves, etc.

No Ensino Universitário — Os Doutores Manuel Dias da Silva, civilista insigne, e Alvaro da Silva Basto, ambos da Universidade de Coimbra.

Nos Estudos Históricos — O Padre Torcato de Azevedo, Martins Sarmento, Alberto Sampaio, Pereira Caldas, Domingos Leite de Castro, Abade de Tâgilde e João de Meira.

Na Arte — O Pintor Jerónimo de Barros Ferreira, o gravador Molarinho, o Pintor-retratista António Cardoso, e o caricaturista José da Meira.

Na Poesia — Os Trovadores dos Cancioneiros e Gil Vicente, Manuel Tomás, Bráulio Caldas, Freitas Costa, Arnaldo Pereira, João de Meira e Guilherme de Faria.

Na Música — Moreira de Sá, o Padre Eugénio de Araújo Mota, etc.

Na Oratória Sagrada — Os Padres António Caldas e Gaspar Roriz.

Na Agronomia — João da Mota Prego.

Na Indústria — Pedro Guimarães, Eduardo Manuel de Almeida, Alvaro Costa, Simão Costa, etc.

Na Política — D. Afonso Henriques.

Na Política bairrista — O 1.º Conde de Margaride, Francisco Agra, Conde de Paçõ-Vieira, etc.

Repito: Qual a terra portuguesa que pode apresentar uma embaixada tão nobre e tão rica? Nomes de mortos, é certo; mas é essa falange nobilíssima que nos inspira a todos, que nos dirige, que nos orienta, que nos enche de orgulho!

RODRIGO PIMENTA.

Coimbra, nunca nos esquecemos de depôr no seu túmulo um ramo de flores naturais, com a sua fita de seda e competente dedicatória.

Também não podemos esquecer-nos da memória de um dos fundadores do Grupo, Alexandre da Silva, que repousa à sombra da cruz, numa humilde campa, no nosso cemitério.

Para ele vão as nossas preces.

Guimarães, 23 de Julho de 1933.

DOMINGOS DANTAS.

Nota. A miniatura do Castelo de Guimarães, que foi ofertada pelo Grupo *Os 20 Arautos de D. Afonso Henriques*, à Ex. ma Comissão de Defesa e Propaganda de Coimbra, executada em barro da região, é da autoria do seu presidente sr. Domingos Dantas.

POR NOSSA DAMA: — A PÁTRIA!

«Honnei soit qui mal y pense»

Divisa da Ordem Real da Jarreteira, da Inglaterra.

Os fundadores, ou componentes, — como estou longe de Guimarães não o sei ao certo —, da simpática e juvenil associação da nossa Terra, «*Os 20 Arautos de D. Afonso Henriques*», talvez por atavismo, talvez desejando perpetuar a descendência imutável da Raça no que ela tem de mais alto e de mais nobre, foram também buscar à mais viril demonstração de patriotismo, ao mais aguerrido e notório esforço dos pioneiros da Nacionalidade, o título, tão belo, como sugestivo, do seu agrupamento!

Assim, pois, quando se trata duma causa justa, duma ideia generosa, ou, mais propriamente, de uma afirmação pública de puro e desinteressado bairrismo, imediatamente se apresentam, de ponto em branco, terçando armas, batendo-se com firmeza e galhardia por SUA DAMA: — A PÁTRIA! —, à semelhança daqueles cujo esforço o seu título evoca e cujo patriotismo a sua evocação perpetua em luminosa e imorredoura Glória!

«*Os 20 Arautos de D. Afonso Henriques*»!

Portanto, hoje, como os seus homónimos de outrora, seguem alegres, confiados e felizes pela vida fora, — cabeças ao vento, olhos ao longe, corações ao alto! —, por um caminho que todos nós, Vimeiraneses, lhes enchamos de bênçãos, cobrindo-os, a eles, de louros e de rosas!

Lisboa, 23-VII-1933.

JOÃO NINGUÉM.

Componentes do Grupo de Propaganda e Recreio «Os Infalíveis»

Luís Filipe Gonçalves Coelho, Presidente; Vítor Pastor, Vice-Presidente; João Xavier de Carvalho, 1.º Secretário; José Fernandes Guimarães, 2.º Secretário; João da Costa e Eduardo Pastor, do Conselho Fiscal; José de Castro Lobo, Tesoureiro; Manuel Augusto Duarte, António Abreu Bastos, José de Freitas, João Ferreira de Castro, João Braz, Domingos Ribeiro, António Lopes de Almeida, Manuel Lopes, Domingos Ribeiro, Domingos Tadeu Ribeiro, Geraldo Guimarães Kondsman, Manuel Joaquim Dias.

Grupo «Os Infalíveis»

O Grupo de Propaganda e Recreio «Os Infalíveis», fundado em 1929, promoveu a sua primeira excursão no ano de 1930, visitando o Alto-Minho com o seguinte itinerário: Guimarães, Braga, Monsão, Caminha, Ancora, Viana do Castelo, Barcelos, Póvoa de Varzim, Famalicão e Guimarães. Em 1931, alargou o âmbito do seu itinerário, e vêmo-lo seguir de Guimarães para Famalicão, Maia, Porto, Feira, Oliveira de Azemeis, Albergaria-a-Velha, Agueda, Anadia, Luso, Bussaco, Mealhada, Coimbra, Condeixa, Pombal, Leiria, Batalha, Leiria, Figueira da Foz, Montemor-o-Velho, Cantanhede, Mira, Vagos, Ilhavo, Aveiro, Estarreja, Ovar, Espinho, Porto, Santo Tirso e Guimarães. Em 1932, percorre o itinerário anterior até à Batalha, seguindo depois por Alcobaca, Nazaré, S. Martinho do Porto, Caldas da Rainha, Alcobaca, Batalha, Leiria, Figueira da Foz, Cantanhede, Anadia, Oliveira do Bairro, Aveiro, Ovar, Espinho, Porto, Foz-do-Douro, Santo Tirso e Guimarães.

Além de impressos com gravuras de Guimarães, fez distribuir dois números-únicos de um jornal de propaganda concelhia, respectivamente em 23 de Agosto de 1931 e 28 de Agosto de 1932.

GRANDE HOTEL UNIVERSAL

Telefone - 7 VIZELA

PROPRIETÁRIO GERENTE
JOAQUIM SILVA

Instalado em edifício próprio, muito próximo do estabelecimento balnear, e situado na principal rua das Termas.

Dotado de confortável sala de jantar, ampla "terrasse", ajardinada, com profusa iluminação eléctrica, onde se servem, diariamente, ao ar livre, primorosas refeições.

Salas de festa e de jogos. Ampla garage privativa. Esmerado serviço de mesa. Pessoal habilitado e atencioso.

NOÉ RODRIGUES DE ALMEIDA GARAGE CORTEGAÇA

Agente dos Pneus «Englebert» e outros.
Gasolina e óleos «Atlantic» Acessórios para automóveis
Material eléctrico, Lâmpadas, etc. Carregam-se baterias.
Telefone - Pósto Público n.º 2 VIZELA

Padaria e Confeitaria DE JOAQUIM PEREIRA (ANTIGA PADARIA CORREIA)

Sede: Praça da República — Telefone n.º 11
Filial: Rua Dr. Abílio Torres (Em frente ao Parque)
CALDAS DE VIZELA

Nesta antiga e acreditada casa continua-se fabricando pão-bijou, regueifa, pão doce e tosta azeda.
Fabrico esmerado e especial do afamado Pão de Ló «Primor». Esplêndido serviço de doce fino para chá, baptizados e casamentos. Fornecedor de várias casas da especialidade no Norte do País.
Visitando Vizela, não deixe de provar o Pão de Ló «Primor». Jâmais deixará de o adquirir.

HOTEL DAS TERMAS CALDAS DAS TAIPAS

Recomendado pela Sociedade de Propaganda de Portugal
Telefone: 198 - Guimarães. Gerente: CASIMIRO FARIA

Hotel-Restaurante Agua d'Ouro Proprietário — LUÍS FERREIRA

Recomendado a famílias de tratamento.
Bons cómodos para hóspedes permanentes.

Rua Ferreira Caldas — VIZELA

CONFETARIA

— de —
Joaquim Ribeiro Ferreira

Casa do Pão de Ló «Delícia»
Telefone 6

Rua Dr. Abílio Torres — VIZELA

Taniodo
Iodo, fosfatos e aprenal
Tónico agradável para a cura do linfatismo e em todos os casos de debilidade geral.
Preparado na
Farmácia Alves
VIZELA

SAPATARIA ELEGANTE ALBINO DE OLIVEIRA

Execução esmerada em calçado de sola para homem, senhora e criança, bem como concêrta todo o calçado concernente à sua arte.

Preços convidativos. VIZELA

Joaquina de Freitas COZINHEIRA

Rua Dr. Pereira Caldas, 52 a 56 — VIZELA

ALMOÇOS — JANTARES — DIÁRIAS
Preços módicos e serviço permanente

Fábrica de Tecidos Linhos e Panos de Guimarães

de
Agostinho da Silva Areias

SERZEDELO GUIMARÃIS

HOTEL VILAS CALDAS DAS TAIPAS

Situação esplêndida. O mais antigo das Termas. Tratamento excelente.
PREÇOS MÓDICOS
Proprietários: FRANCISCO DE OLIVEIRA & FILHOS